

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- FACH  
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

AS TESES ACERCA DA ÉTICA NOS DIÁLOGOS SOCRÁTICOS DE PLATÃO

MARA MIRANDA ANTUNES

CAMPO GRANDE – MS

2023

MARA MIRANDA ANTUNES

AS TESES ACERCA DA ÉTICA NOS DIÁLOGOS SOCRÁTICOS DE PLATÃO

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura de Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de docente de Filosofia.

Orientador: Prof. Ronaldo José Moraca

CAMPO GRANDE - MS

2023

## RESUMO

O trabalho tem o objetivo de explorar, comparar e evidenciar a importância do ensino das virtudes para a formação de base dos alunos e professores de filosofia a partir das obras iniciais de Platão em que retrata o possível ensino de Sócrates acerca da ética. Também será mencionado seu método dialético elaborado para ensinar os jovens e sua relevância para compreensão da filosofia. Com isso, o trabalho busca explorar as teses abordadas nos diálogos da primeira fase de Platão, sintetizar suas ideias e fazer uma ligação entre os diálogos para o ensino da virtude e compreensão do método dialético abordado nos diálogos. Serão usados os diálogos Eutífron, Críton, Apologia de Sócrates e o Livro I da República. Espera-se que o trabalho contribua para a melhor compreensão e relação do conceito de virtude e que colabore para uma melhor didática nas salas de aula e maior aprofundamento do tema para iniciar nos estudos da filosofia clássica.

Palavras-chave: Filosofia. Diálogos. Platão. Virtude.

## ABSTRACT

The research aims to explore, compare and highlight the importance of the reliable teaching of virtues for the basic training of philosophy students and teachers based on Plato's initial works, as well as the teaching of Socrates in dialogues about ethics, his method designed to teach young people through dialectics and its relevance for understanding philosophy. With this, the project seeks to explore the theses addressed in the dialogues of Plato's first phase, synthesize his ideas and make a connection between the dialogues for the teaching of virtue and understanding the dialectical method addressed in the dialogues. The research method is inductive, the objective is descriptive research, the approach to the information will be qualitative with a bibliographic procedure and the purpose of basic research. The research tools will be the works of the dialogues Euthyphro, Laches, Apology of Socrates and Book I of the Republic. It is expected that the project will contribute to a better understanding and relationship with the concept of virtue and that it will contribute to better teaching in classrooms and a better understanding of the topic to begin studying classical philosophy.

Keywords: Philosophy. Dialogues. Plato. Virtue.

## Sumário

1	Introdução .....	6
1.1	A importância do conhecimento .....	6
1.1.1	O conhecimento da virtude .....	7
2	Capítulo I - A questão da Virtude na Apologia de Sócrates .....	9
3	Capítulo II - A questão da justiça e do homem justo no Livro I da República 22	
4	Capítulo III - A questão da virtude nos diálogos Eutífron e Críton .....	31
5	Considerações finais .....	42
6	Referências bibliográficas .....	44

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 A IMPORTÂNCIA DA VIRTUDE

A busca pelo conhecimento é algo inato ao ser humano, há a necessidade de conhecer e saber o porquê das coisas, como são, para que servem, que bem pode ser tirado da natureza, são questões que sempre estarão presentes nos seres humanos. Além dessas questões, uma questão fundamental na filosofia é a respeito da ética, especificamente para o que é a virtude e como ela age na vida humana.

A partir disso, o presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise da questão ética das virtudes de maneira fidedigna a visão de Sócrates nos diálogos iniciais de Platão, ou seja, como Sócrates expôs a sua visão nos diálogos iniciais de Platão.

Para isso, o trabalho irá explorar essa visão Socrática representada por Platão, ou seja, o Sócrates na visão de Platão, nos diálogos, e para isso, será utilizada uma análise da Apologia de Sócrates, mostrando como Sócrates difundiu a busca pela virtude por meio da sabedoria nos diálogos em Atenas com seus concidadãos, bem como os instigou a obter essa busca das definições das virtudes e sua trajetória como filósofo que buscava conduzir as pessoas a verdade e a sabedoria.

Além disso, o trabalho irá explorar a relação entre dever e piedade nos diálogos Críton e Eutífron, bem como esses conceitos foram utilizados, a maneira como Sócrates conduz o interlocutor a resposta correta da definição da virtude e a relação que ambas apresentam. Por fim, o trabalho irá apontar esses mesmos aspectos a respeito da visão fidedigna socrática no livro I da República, cujo apontamentos contribuem muito para a discussão.

A metodologia utilizada no trabalho será pelo método indutivo com objetivo de pesquisa descritiva, com um procedimento bibliográfico nas obras e nos diálogos socráticos iniciais platônicos, com destaque para *A Apologia de Sócrates*, *Eutífron*, *Críton* e o *Livro I da República*.

Além dos diálogos a pesquisa em artigos e obras de comentadores acerca do tema da filosofia clássica e da análise dos diálogos, da construção da filosofia antiga, contexto no qual Sócrates fundamentou seu método filosófico. A abordagem será qualitativa, com finalidade de pesquisa de base pura.

### 1.1.1 O conhecimento da virtude

As questões acerca da virtude são muito discutidas nos diálogos platônicos classificados como iniciais, os quais serão discutidos ao longo do trabalho, com ênfase para *Apologia de Sócrates*, *Eutífron*, *Críton* e o livro I da *República*, é um termo extremamente relevante para a compreensão da filosofia clássica.

Existe uma ampla e importante classificação dos muitos diálogos escritos por Platão. Carol Poster (1998, p. 282-283), faz uma classificação dos diálogos de Platão em quatro partes, sendo a primeira delas a cronologia da concepção, a segunda a cronologia dramática, a terceira delas a ordem pedagógica, ou seja, a ordem de ler e ensinar os diálogos e a quarta a ordem teórica ou metafísica.

Esses diálogos do período Socrático são, geralmente, classificados respeitando os seguintes critérios, Sócrates é a figura central, busca explorar um tema com os interlocutores da Grécia Antiga em busca de uma definição para o tema proposto, como no diálogo Críton, tratar sobre o que é o dever.

O professor Francisco de Assis Barros, traz em sua tese de mestrado sobre *Eutífron de Platão: Estudo e Tradução*, duas propostas de interpretação dos diálogos de Platão que possui influência há várias décadas, sendo elas: A desenvolvimentista e a unitarista. O autor cita: “Segundo Charles Kahn, desde o início do século XIX, a interpretação de Platão tem sido dividida entre essas duas tendências de interpretação.” (BARROS, 2014, p. 13).

Dessa forma, Barros transcreve um pouco sobre essas duas propostas de interpretação dos diálogos de Platão. Sobre a desenvolvimentista ele coloca:

Em linhas gerais, essa tendência interpretativa afiança que o *Corpus Platonium*, deixa transparecer a evolução do pensamento de Platão. No início, ao escrever os seus primeiros diálogos, ditos ‘socráticos’

Platão estaria sob a influência filosófica de seu mestre, Sócrates, e apenas no segundo período de sua produção literária é que ele, movido por seu progresso intelectual, teria rompido com o pensamento socrático e trazido à tona teses filosóficas notadamente platônicas, em especial a famosa teoria das Formas. (BARROS, 2014, p. 14).

Ou seja, na primeira fase, Platão estaria sobre a influência de Sócrates, e apenas após essa fase o filósofo traz à tona a sua visão. Segundo a proposta unitarista, Barros coloca:

A tendência unitarista de interpretação assume que os diálogos de Platão foram produzidos a partir de um único projeto filosófico, e que as diferenças entre eles podem ser explicadas mais por razões literárias e pedagógicas do que por uma mudança na filosofia do autor(...) A tese unitária tende a enfatizar os elementos de continuidade (...) na atualidade um dos grandes expoentes de uma tese unitária de interpretação é Charles Kahm. (BARROS, 2014, p. 17).

Após essas classificações muito utilizadas para a interpretação dos diálogos, é necessário um estudo deles a partir da visão socrática escrita por Platão.

Dessa forma, ao analisá-los é evidente que os diálogos dessa fase terminam em aporia, ou seja, sem uma definição estabelecida, no entanto os envolvidos nos diálogos, que passam por conversas com perguntas e respostas, exercitam a mente a buscar definições de coisas nobres, como a virtude, que é um termo que liga esses diálogos, pois, como pode ser visto nos diálogos escolhidos para serem abordados no trabalho.

Portanto, o projeto busca possibilitar uma melhor compreensão e introdução a Platão por meio de Sócrates em seus primeiros diálogos e destrinchar a visão fidedigna de Sócrates nas obras citadas e assim levantar as questões acerca da análise das obras, pois assim facilitará os estudos dos diálogos e possibilitará avançar para os estudos da filosofia clássica, berço da filosofia ocidental.

## 2 CAPÍTULO I - A QUESTÃO DA VIRTUDE NA APOLOGIA DE SÓCRATES

Na obra *A Apologia de Sócrates*, Platão retrata as falas e o comportamento de Sócrates e de seus acusadores diante do tribunal que o levou a condenação. Nesta obra escrita por Platão, é possível verificar conclusões a respeito da figura de Sócrates e de como lidou com a filosofia em Atenas.

Além disso, é possível constatar que Sócrates defendeu a verdade até o fim de sua vida, como diversas vezes fala em seu julgamento que irá dizer a verdade sobre o que fez e sobre o que foi acusado, como é possível verificar no trecho: “Assim, pois, como acabei de dizer, pouco ou absolutamente nada disseram de verdade; mas, ao contrário, eu vo-la direi em toda a sua plenitude.” (PLATÃO, 1973, p. 01)

A partir desse trecho é possível ter a introdução e a posição principal de Sócrates diante do julgamento, o filósofo age em sua própria defesa, pautando esclarecer com a verdade tudo o que foi acusado, relatando cada um dos pontos com sua explicação. Esse é o método utilizado em acusações cujo o acusado tem direito de defesa, no caso Sócrates foi seu próprio defensor. Nessa defesa Sócrates começa com uma virtude que é a da coragem, a coragem de se expor ao tribunal que o acusa e defender sua causa.

Sócrates busca então defender a verdade e não temer dizê-la. Na tese do professor de filosofia Otavino Candido de Paula Neto, a questão da sabedoria na Apologia de Sócrates é abordada, e o autor evidencia desde o início que a sabedoria está atrelada a verdade: “(...) O primeiro traço que devemos reter a respeito da virtude chamada sabedoria – e também da sabedoria de Sócrates – é que, por possuir sabedoria, o sábio possui a capacidade de dizer a verdade.” (NETO, 2019, p. 29).

Com isso, é perceptível que a defesa da verdade abordada no julgamento de Sócrates está atrelada a sabedoria, causa dos questionamentos nos diálogos socráticos de Platão, pois ela era o início e o fim pelo qual se debatia em busca

do conhecimento da virtude da justiça, da piedade e do dever, as quais serão abordadas nos próximos capítulos.

Inicia então a sequência de argumentos por parte de Sócrates para defender-se sobre quem ele foi e sobre sua habilidade reconhecida pelos atenienses, como no trecho: “Todavia, não denominam “hábil no falar” aquele que diz a verdade. Porque, se dizem exatamente isso, poderei confessar que sou orador, não, porém à sua maneira.” (PLATÃO, 1973, p. 01)

Sócrates brilhantemente começa sua defesa constatando que reconhece o título que lhe foi atribuído, mas não como os acusadores julgavam ser, a partir disso explica que orador foi, segundo o seu ponto e não segundo o ponto dos acusadores, alegando que pela sua maneira estaria comprometido com a verdade.

Dessa forma, é possível verificar novamente que Sócrates pauta o seu julgamento, bem como a sua vida em dizer a verdade e buscá-la, pois, onde ela está também se encontra a virtude, pois, a virtude é uma verdade, e não mentira, pois quem a possui a resplandece e quem a observa percebe quando ela se manifesta, no entanto para quem não a possui, é perceptível e um fingimento de virtude, por si só, não é virtude.

Otavino Neto comenta também que sábios são os homens capazes de ensinar as virtudes, fazendo assim uma relação com a educação, e nisso é possível verificar a importância de serem ensinadas: “Os homens capazes de ensinar virtudes são chamados sábios. A sabedoria pode ser transmitida a outros por meio da educação ou ensino.” (NETO, 2019, p. 31).

No texto da *Apologia* encontra-se um Sócrates que amadureceu suas ideias nos diálogos anteriores, pois nesses diálogos discutiu pela definição do que buscava, o que significa o termo *Virtude*, embora esses diálogos tenham sido aporéticos, Platão lançou a questão por meio de Sócrates e a discussão abriu o caminho para a definição concreta atribuída por Aristóteles posteriormente.

Percebe-se então na *Apologia* um Sócrates mais maduro e articulado que refletiu sobre os seus feitos e constatou mediante o seu julgamento que o que

deve ser levado em conta é a verdade sobre o acusado e por isso a expõe. Começa então a sua primeira colocação: “É justo, pois, cidadão atenienses, que em primeiro lugar, eu me defenda das primeiras e falsas acusações que me foram apresentadas, e dos primeiros acusadores; depois, me defenderei das últimas e dos últimos.” (PLATÃO, 1973, p. 02)

A virtude da justiça é muito presente nessa obra, pois, de forma prática é exposta, uma vez que em vários momentos Sócrates utiliza a palavra Justo. No capítulo I da obra *A República* nas discussões sobre o que é justiça, Sócrates expõe por fim que justiça é cada um fazer aquilo que lhe foi atribuído por natureza. Posteriormente esse conceito é aprofundado e definido por Platão, Aristóteles e mais adiante pelos filósofos medievais.

“De resto, seja como deus quiser: agora é preciso obedecer à lei e em defender.” (PLATÃO, 1973, p. 01) A partir dessa citação, Sócrates entende a importância da lei para a pólis e com humildade se submete a ela e a sua defesa é o que ele possui.

Partindo dessa fala de Sócrates analisaremos os pontos de sua acusação: Primeira acusação: “- Sócrates comete crime e perde a sua obra, investigando as coisas terrenas e as celestes, e tornando mais forte a razão mais débil, e ensinando isso aos outros.” (PLATÃO, 1973, p. 02)

O filósofo, Francis Macdonald Conford, fala sobre a fidedignidade do discurso de Sócrates no tribunal na *Apologia* escrita por Platão:

Na Apologia de Platão, que sem dúvida, é fiel em espírito e substância ao discurso efetivamente pronunciado por Sócrates em sua defesa, o filósofo recusa-se acatar o perdão ao custo de negar a busca da sabedoria e a missão (...). (CONFORD, 2005, p. 33).

Dessa forma, Conford trata sobre como Sócrates busca defender-se pela sabedoria e por sua missão de buscar a sabedoria com o propósito de levar os cidadãos a buscar a verdade.

Assim, acusam como crime tornar mais forte a razão mais débil. Sócrates narra sua trajetória de conversas com os cidadãos atenienses e defende-se dizendo ter se considerado mais sábio que os homens que encontrou, pois eles se julgavam sábios, como exemplo: “O mesmo me parece acontecer com os

outros poetas; e também me recordo de que eles, por causa das suas poesias, acreditavam-se homens sapientíssimos ainda em outras coisas, nas quais não eram. Por essa razão, pois, andei pensando que, nisso eu os superava, pela mesma razão que superava os políticos.” (PLATÃO, 1973, p. 06).

Então, é notório que Platão segue descrevendo na *Apologia*, a visão de Sócrates que estava prestes a ser condenado em Atenas, porém seguia firme no que defendia e no que fez, em diversas partes da obra, Sócrates descreve que dirá toda a verdade, sendo assim, não busca esconder o que fez, mas defender o que propagou na cidade e se defender também dos acusadores, como pode-se perceber nesse trecho: “Sabei-o bem, eu vos direi toda a verdade. Porque eu, cidadãos atenienses, se conquistei esse nome, foi por alguma sabedoria. Que sabedoria é essa? Aquela que é, talvez propriamente, a sabedoria humana.” (PLATÃO, 1973, p. 04).

Além disso, nessa parte o filósofo que estava prestes a ser condenado, afirma a importância da sabedoria, que foi por ela que conquistou a fama na cidade, e em sua sabedoria também estava contida duas frases muito famosas e importantes, que são um pilar de sua filosofia, sendo elas respectivamente: “Só sei que nada sei.” E “Conhece-te a ti mesmo”. Ambas definem muito do Sócrates expressado por Platão nessa obra, pois, Sócrates foi considerado o homem mais sábio de Atenas ao entrar no oráculo de Delphos e a musa lhe dizer que era o mais sábio por reconhecer sua ignorância.

Dessa forma, esse reconhecimento o conduz a olhar para si e suas limitações e aspirar a sabedoria e o porquê das coisas, e nisso, entra a questão da virtude na obra *A Apologia de Sócrates*, que está ligada a essa busca por definições verdadeiras, e essa busca é enobrecida ao colocar os termos das virtudes como matéria de investigação por entre os cidadãos de Atenas.

“Não acredito saber aquilo que não sei.” (PLATÃO, 1973, p. 05) A partir dessa citação, Sócrates deixa claro então, que é necessário saber para acreditar, assim, a sua investigação sobre suas questões se estende e sua fama aumenta, pois o ato de utilizar a dialética no diálogo para se obter a reflexão é uma característica marcante de Sócrates.

Nos demais diálogos dessa primeira fase de Platão encontra-se as reações que o Sócrates questionador provoca em quem interroga em busca de uma definição verdadeira. Como no caso do *Livro I da República*, em que Trasímaco se revolta com o método de Sócrates, comentando isso no diálogo, e o filósofo utiliza essa revolta para buscar de Trasímaco mais definições e ouvi-lo.

Sócrates utiliza então essa ligação entre a sua busca pela sabedoria e pela verdade com seu método de levar as pessoas a parir as ideias. Atitude que gera a revolta das autoridades de Atenas e o leva a acusação da qual o livro *A Apologia retrata*. Em diversas partes dessa obra é possível notar como Sócrates se remete as virtudes na sua base que é a defesa da verdade, a qual leva a todas as virtudes.

Bravamente se mantém firme em sua defesa, alegando com clareza seus argumentos e com convicção de que não está sendo sofista, mas sim, um defensor da verdade. Uma ligação que pode ser feita entre *A Apologia de Sócrates* e o diálogo *Críton*, seria como Críton tenta convencer Sócrates a fugir, mas o mesmo decide ficar para o julgamento até o fim. Essa ligação mostra que Sócrates não temia discorrer sobre as acusações e busca com todas as suas forças e com tudo aquilo que aprendeu da sabedoria a defender-se.

Sócrates segue então nessa importantíssima obra da filosofia que é *A Apologia de Sócrates*, a citar sua resposta acerca das acusações, como no trecho a seguir:

”Além disso, os jovens ociosos, os filhos dos ricos, seguindo-me espontaneamente, gostam de ouvir-me examinar os homens, e muitas vezes me imitam, por sua própria conta, e empreendem examinar os outros; e então, encontram grande quantidade daqueles que acreditam saber alguma coisa, mas, pouco ou nada sabem. Daí, aqueles que são examinados por eles encolerizam-se comigo assim como com eles, e dizem que há um tal Sócrates, perfidíssimo, que corrompe os jovens.”  
(PLATÃO 1973, p. 07)

Nesse trecho Sócrates descreve o cerne do motivo que cativava os jovens a ouvi-lo, o fato do filósofo examinar os homens e esse exame levar os jovens a imitá-lo e então constatarem o que Sócrates relata sobre o

reconhecimento de nada saber, ou seja, de reconhecer o que não se sabe ser um fator muito comum entre os homens. Dessa forma ele defende-se da acusação de corromper a juventude, justificando que aqueles homens que são examinados por esses que imitam Sócrates se embravecem, pois não conseguem reconhecer o que não sabem e se sentem afrontados e dessa forma dizem que Sócrates corrompe os jovens.

Dessa forma, Platão descreve como Sócrates se defende de forma clara e simples de tal acusação, e o filósofo segue se defendendo novamente, demonstrando então a virtude da coragem de enfrentar os acusadores em busca de dizer a verdade. Nesse caminho Sócrates descreve:

“Aquela acusação comum, a qual é movida a todos os filósofos: que ensina as coisas celestes e terrenas, a não acreditar nos deuses, e a tornar mais forte a razão mais débil. Sim, porque não querem, ao meu ver, dizer a verdade, isto é, que descobriram a presunção de seu saber, quando não sabem nada.” (PLATÃO, 1973, p. 08).

Nesse trecho Sócrates parte para a outra acusação que remete a não aceitar os deuses da cidade, no entanto, antes de adentrar ao comentário de como Sócrates se defende, esse trecho faz uma ligação com o anterior de sua acusação, o de corromper a juventude, pois mostra que os incomodados com o método utilizado pelo filósofo nos diálogos, possuem a dificuldade de reconhecer o que não sabem.

Segunda acusação de Sócrates:” -Sócrates - diz a acusação - comete crime corrompendo os jovens e não considerando como deuses os deuses que a cidade considera, porém, outras divindades novas” (PLATÃO, 1973, p. 08).

Nesse trecho é expostos os dois motivos de condenação de Sócrates: Cometer crime corrompendo os jovens e não considerar como deuses os deuses que a cidade considera, porém, divindades novas. Sócrates estava buscando o Deus desconhecido, cujo monumento é encontrado na cidade de Atenas, conforme cita o professor e mestre em filosofia Guilherme Freire em um vídeo que menciona sobre Sócrates.

Então nessa obra de Platão vem à tona o Sócrates capaz de modificar o pensamento dos jovens atenienses, não para corromper, como foi

dito em sua acusação, mas para trazer à tona a luz da verdade e aperfeiçoar aqueles que o escutavam em bons cidadãos em busca da virtude.

Sendo assim, uma ligação muito bela entre a questão da virtude e a apologia de Sócrates, está em como Sócrates sempre diz em seu discurso que busca dizer a verdade e defende-la. Pois, a verdade é base para se entender uma virtude, a qual está pautada na realidade. Sócrates então é descrito na segunda página da obra *A Apologia de Sócrates* como: “Homem douto, especulador das coisas celestes e investigador das subterrâneas e que torna mais forte a razão mais fraca.” (PLATÃO, 1973, p.02).

Dessa forma, Sócrates é visto como aquele que investiga o que está a sua volta, tanto as coisas celestes como as subterrâneas, mostrando assim a grandeza da sua investigação, que por meio dela torna mais forte a razão mais fraca como diz no trecho citado.

Com isso, é perceptível a influência nos jovens, pois Sócrates causava uma mudança neles, uma mudança a busca do conhece-te a ti mesmo, no entanto haviam os cidadãos que não viam dessa forma e o acusaram de corromper a juventude, quando o filósofo justamente buscava torná-la mais forte levando a busca pela sabedoria.

Esses acusadores eram muitos e alguns já não acreditavam nos deuses, conforme diz Sócrates na apologia: “Aqueles que os escutam julgam que os investigadores de tais coisas não acreditam nem mesmo nos deuses. Pois esses acusadores são muitos e me acusam já a bastante tempo.” (PLATÃO, 1973, p. 02).

Então, Sócrates diz que os seus acusadores são de duas espécies: “Uns que me acusam recentemente, outros, há muitos dos quais estou falando.” (PLATÃO, 1973, p. 02). Então Sócrates divide seus acusadores entre os que o acusavam recentemente e entre os que o acusavam há mais tempo, organizando sua linha de argumentação em favor de sua defesa.

Há uma crítica de Sócrates em relação a como é visto por Aristófanes, comediante grego que descreve Sócrates na comédia *Nas Nuvens*, como aquele que caminha pelos ares e exhibe tolices. Sócrates diz não conhecer essas coisas

na qual é retrato na comédia, dizendo não se ocupar de semelhantes coisas: “O fato é cidadãos atenienses, que, de maneira alguma, me ocupo de semelhantes coisas.” (PLATÃO, 1973, p. 03).

Sócrates era contra a linha de ensinar dos sofistas que ganhavam para isso, e não querer ser acusado de ser como eles diz: “Na realidade nada disso é verdadeiro, e, se tentes ouvido alguém que instruo, e ganho dinheiro com isso, não é verdade.” (PLATÃO, 1973, p, 03).

Após defender-se dos primeiros acusadores, Sócrates busca defender-se de Meleto, que o acusa da seguinte forma: “Comete crime corrompendo os jovens e não considerando como deuses os deuses que a cidade considera, porém, outras divindades novas.” (PLATÃO, 1973, p.08)

Então Sócrates argumenta contra a acusação: “Assim, pois, todos os homens, como parece, tornam melhores os jovens, exceto eu. Só eu corrompo os jovens, não é isso? Utilizando da forma do diálogo para mostrar que na verdade o acusador pode cair em erro, em relação a acusação.

Sobre a acusação sobre a crença em outros deuses, Sócrates argumenta:

Mas Meleto, tua acusação foi feita para me pôr à prova, ou também por não saber a verdadeira culpa que me pusesse atribuir: por que te ariscas a persuadir um homem, mesmo de mente restrita, de que pode a mesma pessoa acreditar na existência das coisas demoníacas e divinas, e, de outro lado, essa pessoa não admitir demônios, nem deuses, nem heróis? Isso não é possível.” (PLATÃO, 1973, p. 13)

Nessa argumentação Sócrates diz que há incoerência em acreditar nas coisas divinas e demoníacas e não admitir que há demônios, deuses e heróis. Com isso dizendo que uma pessoa pode acreditar nas coisas divinas e admitir que há um Deus, no caso do Deus desconhecido que Sócrates trazia.

Sócrates enfatiza a importância da virtude na seguinte frase: “Quando fizer o que quer que seja, deve considerar se faz coisa justa ou injusta, se está agindo como homem virtuoso ou desonesto.” (PLATÃO, 1973, p. 13) Tamanha a importância dessa questão para o filósofo, pois, as atitudes justas estavam sempre presentes na sua pauta sobre o que seria o homem virtuoso, segundo

ele, a forma a qual um homem agir denominará se sua ação foi justa ou injusta, ou se agirá como um homem virtuoso ou como um homem desonesto.

Informação coroada com o seguinte trecho, cujo Sócrates afirma a importância de seu trabalho com os jovens e a importância de filosofar:

Cidadãos atenienses, eu vos respeito e vos amo, mas obedecerei aos deuses em vez de obedecer a vós, e enquanto eu respirar e estiver na posse de minhas faculdades, não deixarei de filosofar e de vos exortar ou de instruir cada um, quem quer que seja que vier à minha presença, dizendo-lhe, como é meu costume: - Ótimo homem, tu que és cidadão de Atenas, da cidade maior e mais famosa pelo saber e pelo poder, não te envergonhas de fazer caso das riquezas, para guardares quanto mais puderes e da glória e das honrarias, e, depois, não fazer caso e nada te importares de sabedoria, da verdade e da alma, para tê-la cada vez melhor? (PLATÃO, 1973, p. 15).

Ele elogia Atenas e diz que enquanto respirar e conseguir pensar bem não deixaria de filosofar e de instruir a cada um dos cidadãos de Atenas que viessem em sua presença a fim de ter a verdade da alma cada vez melhor.

Sendo assim, Sócrates persuade quem o procura a se preocupar com a alma e que nessa preocupação se conquista a virtude, pois sua preocupação não está exclusivamente com as riquezas, mas em melhorar sua alma, e nesse convencimento de mostrar a verdade as pessoas que o procura é a vontade do Deus, como diz: “Isso justamente é o que me manda o deus, e vós o sabeis, e creio que nenhum bem maior tendes na cidade, maior que este meu serviço do deus.” (PLATÃO, 1973, p. 15).

Além disso, Sócrates expõe quão grande é a virtude para os homens: “A virtude não nasce da riqueza, mas da virtude vem, aos homens, as riquezas e todos os outros bens, tanto públicos como privados.” (PLATÃO, 1973, p. 15)

Colocando dessa forma, que buscando primeiramente a virtude as outras coisas serão acrescentadas, incluindo as riquezas, mas não elas como prioridade, pois a prioridade estaria em buscar e viver uma vida virtuosa em decorrência da verdade.

“Que eu seja um homem cuja qualidade é a de ser um dom feito pelo deus à cidade.” (PLATÃO, 1973, p. 17). Nessa frase, Sócrates diz seu objetivo para a

cidade de Atenas, cujo ter a qualidade é ser um dom feito pelo deus à cidade, sendo assim, que por meio dos diálogos e de mostrar aos que sabem que não sabem o que julgam saber e levar os cidadãos a conhecerem a si mesmos, a fim serem homens virtuosos.

Sócrates diz sobre o quanto o seu trabalho realizado nos diálogos é útil às pessoas encontrarem a sabedoria, argumenta também que o fato de mostrar a ignorância dos que julgam saber e não sabem, mas o procuram, causa um desgosto, no momento em que Sócrates os expõem que não sabem o que julgam saber: “tomam gosto em ouvir examinar aqueles que acreditam ser sábio e não o são; não é de fato coisa desagradável.”(PLATÃO, 1973, p. 19)

Sendo assim, Sócrates segue na Apologia argumentando em seu favor a respeito do que julgou ser correto e se propôs a defender e o faz até o fim. “O fato é que me foi criada a fama de ser este Sócrates em quem há alguma coisa pela qual se torna superior à maioria dos homens.” (PLATÃO, 1973, p. 21)

Nesse trecho Sócrates enfoca a fama a qual lhe foi dada e que lhe torna superior a maioria dos homens. O seu ato de levar a sabedoria aos atenienses define essa superioridade, pois como dito anteriormente, a busca estava pela verdade e na verdade vinha a virtude e após ela os bens.

Com isso, o filósofo mantém firme a sua posição:

Não espereis, cidadãos atenienses, que eu seja constrangido a fazer, diante de vós, coisas tais que não considero nem belas, nem justas, nem santas, especialmente agora, por Zeus, que sou acusado de impiedade por Meleto. (PLATÃO, 1973, p. 21).

Essa posição de relação a manter firme as belas ações e as justas atitudes, a fim de não cometer impiedade como foi acusado por Meleto. “Procurando persuadir cada um de vós a não se preocupar demasiadamente com suas próprias coisas, antes que de si mesmo, para se tornar quanto mais honesto fosse possível;” (PLATÃO, 1973, p. 22). Nessa parte novamente Sócrates leva a questão da virtude, dizendo que procurava persuadir a cada um a preocupar-se em se tornar o quanto mais honesto fosse possível.

O filósofo continua ao dizer sobre o seu papel a todos aqueles que o procuraram: “Não cuidar dos negócios da cidade antes que da própria cidade, e

preocupar-se, assim, do mesmo modo, com outras coisas.” (PLATÃO, 1973, p. 22) Enfatizando assim primeiramente o cuidado com a cidade e em seguida com os negócios da cidade, a fim de levar os cidadãos ao caminho reto. “E, que convém a um pobre benemérito que tem necessidade de estar em paz, para vos exortar ao caminho reto?” (PLATÃO, 1973, p. 22)

Confiante Sócrates diz: “Estando, pois, convencido de não ter feito injustiça a ninguém, estou bem longe de fazê-la, a mim mesmo e dizer em meu dano, que mereço um mal, e me assinalar um de tal sorte. Que devo temer?” (PLATÃO, 1973, p. 23). Levando novamente sua noção da virtude da justiça e sua preocupação em ser justo como foi com os cidadãos, ser consigo mesmo. Então argumenta: “Ora, não é fácil, em pouco tempo, destruir grandes calúnias.” (PLATÃO, 1973, p. 23).

Então Sócrates diz sobre o que de fato importa e sobre a importância do que ensinou aos que o procuraram e ouviram seus sermões:

Se, ao contrário, digo que o maior bem para um homem é justamente este, falar todos os dias sobre a virtude e os outros argumentos sobre os quais me ouvistes raciocinar, examinando a mim mesmo e aos outros, e, que uma vida sem esse exame não é digna de ser vivida, ainda menos me acreditariais, ouvindo-me dizer tais coisas. (PLATÃO, 1973, p. 24)

Dessa forma o filósofo diz que falar todos os dias sobre a virtude torna uma vida bem vivida, pois é uma vida examinada, e nesse trecho encontra-se o cerne da questão da virtude na Apologia de Sócrates, a de que seus ensinamentos, a dialética nos diálogos e a busca da verdade e da sabedoria caminham a falar sobre a virtude, assim como fez em seus diálogos, em especial, os quais serão tratados nesse trabalho.

Esse cerne da questão da virtude nesse diálogo está no fato de Sócrates deixar esse ensinamento que une o falar sobre as virtudes de forma a fazer um exame da vida, ou seja, analisá-la guiada pela sabedoria em encontro com a verdade. O fato de Sócrates questionar em seus diálogos o que seriam tais virtudes como: A justiça, a coragem e a piedade, mostra esse processo de exame de vida, cuja a virtude é um fio condutor das boas ações que fazem essa vida examinada ter um grande valor.

Portanto, ao analisar o julgamento de Sócrates na obra a *Apologia de Sócrates*, percebe-se que ele traça um caminho para defender-se das acusações, sempre repetindo em seu discurso que dirá a verdade, expondo e dizendo o que não era verdade atestado pelos acusadores, e nisso, Sócrates faz sua defesa brilhantemente.

Dessa forma, há uma importância em mostrar as falas, descritas detalhadamente dos argumentos do filósofo na obra, pois embora a obra sirva para introduzir os leitores ao mundo da filosofia clássica, ela também serve como uma coroação dessa primeira fase dos diálogos socráticos de Platão, uma vez que no julgamento Sócrates diz o que de fato fez em cada um dos diálogos e leva de forma simples a intensificar que fez com um propósito, como um domado pelo deus e que devia cumprir sua missão em Atenas.

Portanto, essa coroação acontece por sintetizar a obra de Sócrates em um momento dramático em que seu destino estaria sendo decidido devido ao ato de tirar as pessoas da ignorância, mostrando que não sabiam o que julgavam saber e buscando torná-los o mais honesto possível quanto pudessem pelo caminho da virtude.

Ao analisar a questão da virtude nesse diálogo, percebe-se então que ela está no cerne do que fez Sócrates defender-se até o fim e seguir cumprindo sua missão rumo a sabedoria. Então Sócrates permanece firme até o fim do julgamento conforme o trecho: “Mas, nem mesmo agora, na hora do perigo, eu faria nada de inconveniente, nem mesmo agora me arrependo de me ter defendido como o fiz, antes prefiro mesmo morrer, tendo-me defendido desse modo, a viver daquele outro.” (PLATÃO, 1973, p. 25)

Portanto, a análise da obra *A Apologia de Sócrates* fazendo a ligação com a virtude leva a uma melhor compreensão da mesma a ser explicada aos alunos e torna-se importante a análise de forma fiel ao escrito de Platão nessa obra, o que aguçaria nos alunos adentrar ao mundo da filosofia clássica. Por fim, Sócrates se despede, e em sua despedida mais uma vez enfoca a importância da virtude na vida. “Quando os meus filhinhos ficarem adultos, puni-os, é cidadãos, atormentai-os do mesmo modo que eu os vos atormentei, quando

vos parecer que eles cuidam mais das riquezas ou de outras coisas do que da virtude.” (PLATÃO, 1973, p. 28).

### 3 CAPÍTULO II - A QUESTÃO DA JUSTIÇA E DO HOMEM JUSTO NO LIVRO I DA REPÚBLICA

No Livro *A República*, obra fundamental da filosofia Platônica, Sócrates está no centro do diálogo, como o mediador que levanta a questão e pergunta aos envolvidos, Gláucon, Polemarco, Trasímaco, Adimanto e Céfalo. Especialmente no Livro I, o Sócrates descrito por Platão, segue o seu vigor interrogativo, em busca de extrair de Polemarco e Trasímaco O que é a justiça e o que é o homem justo, bem como o que é o homem injusto e qual deles leva mais vantagem e uma vida feliz.

Fernando Dala Santa relata algumas questões em relação a virtude da justiça no *Livro I da República*, em seu artigo: *Notas Preliminares sobre o conceito de justiça no Livro I da República de Platão*. Dentre as questões o professor retrata que o Livro I busca de fato retratar o conceito de justiça discutido no diálogo: “Não se trata de mera esgrima dialética, senão do genuíno anseio por encontrar a verdadeira justiça.” (SANTA, 2021, p. 02).

A partir desse anseio, Platão traz no início do capítulo o Sócrates que inicia divagações sobre a juventude com seus colegas ao descer ao Pireu com Gláucon, ao avistá-los, Polemarco e Niceráto e outros, após Polemarco pedir para o escravo pedir que Sócrates e Gláucon os esperassem, os encontram, e seguem o caminho juntos, após Polemarco pedir para que permaneçam: “Sairemos após o jantar e assistiremos à vigília. Lá encontraremos muitos jovens e ficaremos conversando. Vamos ficai conosco e desista de ir embora.” (PLATÃO, 2006, p. 03).

Então, seguindo o convite dos colegas mencionados, Sócrates e Gláucon permanecem no Pireu e se encaminham para a casa de Polemarco. Nesse contexto inicia-se a discussão. Nesse momento é perceptível que a figura de Sócrates despertava o interesse pelo diálogo aos cidadãos que o conheciam, pois através deles iniciava-se uma discussão em busca da verdadeira definição de algo.

Sendo assim, a discussão se inicia, primeiramente com uma conversa entre Céfalo, pai de Polemarco e Sócrates, devido a Céfalo estar idoso, Sócrates utiliza sua curiosidade sobre as questões da vida a Cefálo, e sobre o percorrer de uma vida até chegar a velhice, com a seguinte divagação sobre o caminho que percorreu: “Será esse caminho áspero e penoso ou suave e fácil? (PLATÃO, 2006, p. 04).

A partir da pergunta de Sócrates, Céfalo responde que muitos se queixam por sentir saudade da juventude e outros que os filhos os tratam mal (PLATÃO p.04. 2006), mas Céfalo acusa a Sócrates a sua opinião sobre a verdadeira conclusão:

Não é a velhice, Sócrates, mas o caráter dos homens. Se são moderados e de bom temperamento, também a velhice é para eles moderadamente penosa. Se não o são, não só a velhice, Sócrates, mas também a juventude é penosa. (PLATÃO, 2006, p. 05.)

Sendo assim, o diálogo adentra a questão ética, sobre o caráter dos homens, o termo caráter que é por onde girará o debate sobre o homem que é justo e sobre o homem que é injusto. Parte em que Sócrates se interessa, pois fica encantado com essa resposta de Céfalo.

Sócrates o questiona sobre a riqueza e o maior bem que ele possuiu, então Céfalo o responde:

Sabes muito bem Sócrates, disse ele, que quando alguém acha que está próximo da morte, medo e preocupação o invadem em relação a coisas que antes não pensava. Os “Mitos sobre o Hades” contam que, se aqui alguém comete injustiça, lá deve ser castigado, embora até então fossem alvo de risco, naquele momento torturam-lhe a alma com a dúvida de que possam ser verdadeiros (...) Frequentemente quem descobre muitas injustiças em sua vida, como as crianças, desperta de seu sono, sente medo e vive esperando o pior; mas quem tem consciência de que não cometeu nenhuma injustiça tem ao seu lado a doce esperança, a boa nutriz da velhice, como diz Píndaro. (PLATÃO, 2006, p. 06)

Dessa forma, Sócrates segue admirado com as palavras de Céfalo, e segue sua linha de raciocínio a respeito da justiça, segundo o seguinte questionamento: “A justiça e simplesmente dizer a verdade e devolver o que se tiver recebido de outrem? Ou que é possível às vezes agir com justiça, e às vezes, contra ela?” (PLATÃO, 2006, p. 07).

Entra na discussão a questão da justiça em relação aos amigos e aos inimigos e nesse parâmetro a discussão se estende, como é possível perceber no trecho a seguir: “E o homem justo? Em que atividade e em que função e ele o mais capaz de ajudar os amigos e prejudicar os inimigos?” (PLATÃO, p. 09 .2006). Então há uma refutação, pois Sócrates questiona se o homem justo só seria útil na guerra: “Será que também para os que não estão em guerra o homem justo de nada serve?” (PLATÃO, 2006, p. 09).

Sendo assim, a discussão segue sem levar essa como a resposta do que seria o homem justo. Na discussão há diversos conceitos que são apresentados pelos interrogados de Sócrates, a fim de chegar a uma definição, a qual não ocorrerá, pois o diálogo termina em aporia, assim como os demais dessa fase.

No entanto, é importante analisar como os interlocutores trazem alguns conceitos sobre o que é justiça e sobre o que é o homem justo, para compreender como Sócrates utiliza sua dialética nesses casos e como ao decorrer das apresentações dos que estão dialogando são colocadas no debate, a aproximação com o que Sócrates pensa ser de fato a definição do conceito que se aproxima, pois o filósofo vai aprimorando os argumentos, utilizando seu método de demonstrar a quem está debatendo que não sabe o que julga saber.

Segundo Fernando Dala Santa:

Na concepção grega era comum identificar o bom ao útil, portanto, agir bem era sempre algo vantajoso, revertendo-se invariavelmente em resultados benéficos: seria impensável atrelar uma ação boa a uma postura e especialmente a um resultado negativo. (SANTA. 2021, p. 439)

Esse esclarecimento de Dala Santa sobre a concepção grega de identificar o bom ao útil, serve para tornar mais fácil a compreensão do diálogo partindo do que era comum na cultura grega nesse período, esse esclarecimento também será útil para melhor compreender as demais definições de justiça e homem justo que serão citadas a seguir.

Sendo assim, outra parte importante a ser analisada se encontra no trecho a seguir: “Mas para quais parcerias o homem justo é melhor parceiro que o citarista, como o citarista é melhor que o homem justo para tanger as cordas?” (PLATÃO, 2006, p.10) No caso dessa pergunta, há um questionamento sobre

em quais parcerias o homem justo seria melhor que o citarista e como na sua função o citarista é melhor que o homem justo.

Então, respondendo à pergunta de Sócrates, Polemarco diz: “Em questões de dinheiro, parece-me.” (PLATÃO, 2006, p.10). Essa é a primeira resposta nesse quesito que vem à mente de Polemarco, devido ao fato de o citarista ganhar dinheiro, no entanto Sócrates rebate: “Então, quando se tem de usar dinheiro ou ouro em sociedade com outra pessoa, em que o homem justo é mais útil que os outros? (PLATÃO, 2006, p.11).

Dessa forma, nessa parte do capítulo, Sócrates busca definir qual a utilidade do homem justo e segue suas perguntas para extrair dos participantes do diálogo respostas. No entanto, nessa discussão, Polemarco fica confuso e demonstra sua confusão, porém permanece mantendo sua opinião: “Mas nem sei mais o que eu queria dizer ... Minha opinião, porém, continua sendo que justiça é ajudar os amigos e prejudicar os inimigos.” (PLATÃO, 2006, p. 12).

Nesse contexto da definição de Polemarco surge outra questão para Sócrates: “será que, em relação a isso, os homens não cometem um engano tendo a muitos como honestos, embora não o sejam, e a muitos avaliando de maneira contrária? (PLATÃO, p. 12). Nesse questionamento Sócrates lança uma dúvida sobre quem Polemarco considera como os homens honestos, se julgam que alguns são sem ser.

Então, ao continuarem com a discussão sobre o que é o homem justo, Sócrates pergunta a Polemarco se o homem justo é bom e ele responde que sim, sendo assim, em seguida Sócrates conclui: “Ah! Não é tarefa do homem justo, Polemarco, prejudicar nem o amigo nem a nenhum outro, mas a do seu contrário, o homem injusto.”

Concluindo assim, que é do homem injusto, o que não possui a virtude da justiça, prejudicar, seja o inimigo ou seja o amigo, pois o homem justo não busca prejudicar nem o amigo e nem qualquer outro.

Dessa forma, Sócrates e Polemarco entram em acordo a respeito de um argumento que vai contra o argumento de Periandro, Perdicas, Xerxes, Ismêneas

ou um outro homem que se considera poderoso. Sendo esse argumento, o de que não é tarefa do homem justo prejudicar o amigo e inimigo.

Em meio a discussão sobre a questão da justiça e do homem justo, Trasímaco tem uma atitude revoltosa com Sócrates e seu ato de interrogar a fim de se chegar a uma resposta: “Se e que, de verdade, queres saber o que é o justo, não fiques só interrogando nem te esforces em refutar quando alguém te dá uma resposta, já que sabes muito bem que é mais fácil perguntar do que responder.” (PLATÃO, 2006, p. 16).

Com isso, Sócrates se assusta com a atitude de Trasímaco e responde para acalmá-lo: “Não penses que, se estivemos buscando ouro, de bom grado durante a busca ficamos fazendo medidas um ao outro, perdendo a ocasião de descobri-lo.” (PLATÃO, 2006, p. 16).

Após esse momento da discussão em que Trasímaco se revoltou com Sócrates e o seu meio de perguntar para se obter uma resposta, no caso dessa fase dos diálogos, geralmente envolvendo uma virtude, a discussão continua e Trasímaco quer dar a sua opinião a respeito do que é justo: “Ouve-me, disse e ele. Afirmo que o justo não é senão o vantajoso para o mais forte.” (PLATÃO, 1973, p. 18).

Com essa definição Trasímaco espera elogios, mas Sócrates ao invés disso, busca entender o que essa definição quer dizer. Essa atitude de Sócrates é prudente e faz parte de seu método. No entanto, Trasímaco se revolta com essa atitude de Sócrates.

Então, ao fazer uma comparação com o governo de uma cidade, Trasímaco explica que as formas de governo estabelecem suas leis, e, uma vez estabelecidas o vantajoso seria o justo para os subordinados, concluindo que: “O vantajoso para o governo estabelecido. E ele que tem o poder e, para quem raciocina corretamente, em todos os lugares, o justo e sempre a mesma coisa, a vantagem do mais forte.” (PLATÃO, 2006, p. 19).

Após essa explicação de Trasímaco, Sócrates compreende o que ele quer dizer, mas não concorda com a parte do mais forte: “Até concordo contigo que o justo e vantajoso, mas tu estás fazendo um acréscimo e afirmas que é o

vantajoso para o mais forte. isso eu não sei... preciso que façamos um exame.” (PLATÃO, 2006, p. 20).

Nesse trecho, Sócrates demonstra seu posicionamento a respeito da resposta que ouviu no diálogo a respeito da definição de Trasímaco, é possível perceber nessa fala de Sócrates, que ele utiliza a sabedoria para discernir o que é dito na discussão, pois não a aceita de primeira e busca examinar com cautela as definições.

Então isso caracteriza uma marca do filósofo a respeito da questão da virtude nesse diálogo, pois mostra o seu zelo em examinar as sentenças, a fim de obter uma resposta condizente com a verdade a respeito da questão da virtude. É interessante notar também que Platão o caracteriza dessa forma, com clareza ao refutar e cautela em analisar.

Sendo assim, ao analisar a continuidade do diálogo, Sócrates diz: “próprio Trasímaco concorda com afirmação de que às vezes os governantes ordenam o que é mau para si próprios, mas que, para os subordinados, é justo fazê-lo.” (PLATÃO, 2006, p. 21). Assim, Sócrates continua a buscar entender o que Trasímaco quis dizer, afirmando que o próprio concorda com essa posição.

A partir dessa posição surge a de Clitofonte: “É justa a vantagem do mais forte. (...) ele admitiu que, às vezes, o desvantajoso para si próprios os mais fortes ordenam que os mais fracos e os subordinados façam. (PLATÃO, 2006, p 21). Nesse momento do diálogo há as discussões a respeito do que é justo e sobre a afirmação de Trasímaco que justo é fazer o vantajoso para o mais forte.

Sendo assim, embora Sócrates argumente sobre essa posição com Polemarco e Clitofonte, o autor da afirmação, Trasímaco, mantém sua fala:

Em sua expressão mais rigorosa, a resposta seria que o governante, enquanto governante, não erra e, não errando, estabelece o melhor para si, e isso o subordinado tem de fazer. Sendo assim, digo o que desde o início estou dizendo, que justo é fazer o mais vantajoso para o mais forte. (PLATÃO, 2006, p. 22).

No entanto, Sócrates continua a refutar essa posição e para isso, recorre a arte e a medicina como exemplos, e ao final dos exemplos conclui: “Ah! Nenhuma ciência tem em vista nem impõe o que é vantajoso para o mais forte,

mas para o mais fraco e é governado por ela mesma.” (PLATÃO, 2006, p. 25). Dando o exemplo do médico que não impõe o que é mais vantajoso para o médico, mas sim para o doente. (PLATÃO, 2006, p.25).

Nessa posição é perceptível como o filósofo argumenta contra a posição de Trasímaco, pois mostra que o justo não é o mais vantajoso para o mais forte, mas sim para o mais fraco, pois um médico busca o que é mais vantajoso para o doente, que no caso é o mais fraco. Embora relutante, Trasímaco concorda com esse argumento de Sócrates.

Com isso, Sócrates coroa esse argumento e coloca que na verdade o justo é ao contrário do que Trasímaco disse, que na verdade o justo é o mais vantajoso para o mais fraco:

Então, Trasímaco, disse eu, nenhuma outra pessoa, em nenhum posto de comando, na medida em que é chefe, tem em vista e impõe o útil para si mesmo, mas o útil para o governado e para aquele a quem ele presta serviço e, voltando os olhos para isso e para o que é útil e conveniente para aquele, diz tudo o que diz e faz tudo o que faz. (PLATÃO,1973, p. 25).

O diálogo entra então em outro ponto quando Trasímaco coloca o debate a respeito do que é injusto e sua vantagem para o mais forte: “O interesse do mais forte e o que é justo, e o que é injusto é útil e vantajoso para ele.” (Platão, p. 27). Trasímaco defende esse ponto por meio de um longo discurso, o qual Sócrates quer debater e não concorda com essa visão: “Não estou persuadido nem creio que a injustiça seja algo que traga maior lucro que a justiça, ainda que lhe deixemos aberto o caminho e não a impeçamos de fazer o que queira.” (PLATÃO, 2006, p. 28).

Após não concordar a afirmação de Trasímaco, Sócrates, analisa outra fala do mesmo: “Bem mais importante e, penso eu, o que Trasímaco está dizendo agora, quando afirma que a vida do homem injusto e melhor que a do justo.” (PLATÃO, 2006, p. 32). Com essa fala de Trasímaco, Sócrates a analisa e não concorda, pois, para ele a vida do homem justo adquire melhores resultados: “A vida do homem justo é a que traz melhores resultados.” (PLATÃO, 2006, p. 32).

Após isso a discussão traça um novo rumo, o qual debatem sobre a quem o homem justo e o homem injusto buscam ser superiores, e Sócrates traça toda uma linha de raciocínio e de perguntas como é próprio de seu método, para chegar a uma resposta sobre essa questão, cuja questão é: “Então, Trasímaco, disse eu, para nós, o homem injusto quer ser superior a quem é igual e a quem não é igual a ele? Ou não é isso que dizias? - E isso, disse.” (PLATÃO, 2006, p.36).

Com isso, Sócrates faz uma pergunta e obtém a resposta que procurava, para lançar à seguinte conclusão: “Ah! o homem justo se parece com o sábio e bom, e o injusto com o mau e ignorante.” (PLATÃO, 2006, p. 36). Essa definição corresponde a uma ordem quanto ao que é o homem justo, pois sendo a justiça uma virtude, o homem justo deve ser sábio e bom e o injusto o contrário.

Nessa parte encontra-se uma base importante para a questão da virtude nesse diálogo do livro *A República*, pois após discussões e várias afirmações sobre o que é a justiça e o homem justo, Sócrates define a justiça como uma virtude: “Entramos em acordo que a justiça é virtude e sabedoria.” (PLATÃO, 2006, p. 37).

Com esses pontos definidos Sócrates coloca a seguinte questão: “Será que os olhos cumpriram bem sua tarefa sem ter sua virtude própria, mas, em vez dela, um vício? (PLATÃO, 2006, p. 41). Nessa fase do diálogo Sócrates discute a questão da justiça como virtude, e utiliza a função dos olhos como instrumento para cumprir sua virtude própria.

Então continua o raciocínio: “se é pela virtude que lhe é própria que realiza bem uma tarefa quem dela está incumbido, e se é pelo vício que a realiza mal.” (PLATÃO, 2006, p. 41). Com isso, Sócrates quer adentrar a virtude da alma, a qual precisa ter para realizar suas funções próprias: “Então, Trasímaco, a alma realizara sua tarefa própria, se for privada de sua virtude específica, ou isso é impossível?” (PLATÃO, 2006, p. 41).

Com isso, chegam ao acordo de que a justiça é uma virtude da alma, pois o que faz é bom e a injustiça é um vício: “Então, chegamos ao acordo de que a justiça é virtude da alma e a injustiça um vício?” (PLATÃO, 2006, p. 42).

Nesse raciocínio Sócrates volta a questão de que a alma justa é feliz e a injusta não, e ser feliz traz vantagens, respondendo ao que Trasímaco havia dito sobre a injustiça trazer mais vantagem que injustiça, portanto, refutando esse ponto.

No entanto apesar de esclarecer esses vários pontos, Sócrates termina o diálogo em aporia, pois o conclui da seguinte forma: “Sendo assim, nada sei, e isso foi o que resultou de nosso diálogo. Se não sei o que é a justiça, dificilmente saberei se ela é uma virtude ou não e se quem a tem não é ou é feliz ...” (PLATÃO, 2006, p. 43).

Apesar de Sócrates terminar o diálogo na dúvida sobre a definição de justiça e se ela traz felicidade, ao decorrer do diálogo ele coloca sua posição sempre levando para que a justiça é uma virtude dos sábios e que obtém vantagem quem é justo, pois é mais feliz.

Portanto, nesse diálogo a questão da virtude aparece como um meio de discussão entre os interlocutores, cujo Sócrates é o mediador, embora acabe em aporia, vários pontos importantes para a compreensão do termo são levantados, pontos esses que norteiam a visão Socrática de Platão sobre a virtude. Mostrando-a mais evidentemente como algo bom, ou seja, como uma virtude.

#### 4 CAPÍTULO III - A QUESTÃO DA VIRTUDE NOS DIÁLOGOS EUTÍFRON E CRÍTON

O estudo da obra de Platão é um estudo minucioso, cujo objetivo desse trabalho é uma interpretação a visão do autor por meio de Sócrates. Como foi demonstrado nos capítulos anteriores, a virtude foi mostrada em suas discussões nos diálogos *Apologia de Sócrates* e Livro I da *República*.

Sócrates desenvolve nos primeiros diálogos uma discussão acerca do que é uma virtude. No caso do diálogo *Eutífron*, Sócrates discorre sobre a piedade, sobre o que ela é, sobre como se manifesta e como é o homem piedoso e o não piedoso.

Barros cita que: “O Eutífron pertence ao grupo dos primeiros diálogos de Platão, ditos socráticos, e reflete o método e preocupações filosóficas do mestre de Platão, o Sócrates histórico. “(BARROS, 2014, p. 17).

No diálogo Sócrates inicia a discussão sobre o tema com Eutífron a respeito da queixa de Meleto de Sócrates corromper os jovens e Eutífron questiona: “Mas conta-me como, por agires como ages, ele diz que corrompes os jovens.” (PLATÃO, 1973, p. 2). Então, Sócrates responde que ele o acusa por dizer que é um fazedor de deuses: “Diz que sou um fazedor de deuses. E, como invento novos deuses e não acredito nos antigos, acusou-me por causa disso.” (PLATÃO, 1973, p. 2).

O professor de filosofia Otavino Candido de Paula Neto, menciona em sua tese de doutorado que:

A relação entre a piedade e a justiça começa a ser exposta logo no início do diálogo (...) O fato de Platão fazer desenrolar o diálogo Eutífron diante de um tribunal – Sócrates e Eutífron encontram-se diante do pórtico do arconte. (NETO, 2019, p. 45).

Então em meio a esse cenário, Eutífron revela a Sócrates um fato que ocorreu em sua casa, um homem que trabalhava para o seu pai e era um homicida, morreu ao seu pai o amarra-lo e fazê-lo passar fome enquanto aguardava o julgamento correto de seu ato. Então Sócrates e Eutífron discutem se esse ato foi justo e se o filho deve acusar o pai de injustiça: “não temes que

ao entregares teu pai à justiça que, ao contrário, te suceda estares a cometer um ato ímpio.” (PLATÃO, 1973, p. 04).

Dessa forma, a partir desse fato mencionado eles começam a discussão a respeito da piedade, Sócrates questiona Eutífron: “Visto que há pouco afirmaste sabê-lo com clareza, diz-me o que entendes por piedade e por impiedade, tanto no que diz respeito ao assassinio quanto em outras coisas?” (PLATÃO, 1973 p, 05). Nesse momento Sócrates lança o que será o cerne do diálogo, cujas as respostas e questionamentos virão a fim de se obter uma definição.

Então, a primeira definição é lançada por Eutífron:

Digo que a piedade é o que eu agora faço: é perseguir os que cometem injustiças – por homicídio, roubo de coisas sagradas, ou qualquer outra falta dessas – quer sejam pai, mãe ou outro qualquer; e não os perseguir é que é a impiedade. Além disso, contempla Sócrates, quão grande é a prova que vou te dar – e que já dei a outros – de que assim é a lei e de que será correto proceder assim, nada permitindo ao ímpio, seja ele quem for. (PLATÃO, 1973, p. 05)

Nessa definição Eutífron enfatiza que a piedade é perseguir os que cometem injustiça, e nessa definição ele não exclui nada e ninguém, como no caso, não exclui seu pai, pois julga que o necessário é cumprir a lei, além disso faz uma citação em relação aos casos dos deuses: “Pois os próprios homens que reconhecerem Zeus como o melhor e o mais justo dos deuses concordam que ele aprisionou o pai por devorar criminosamente os filhos”. (PLATÃO, 1973, p. 06). Sócrates o questiona a acreditar que se procedeu desta forma, no entanto Eutífron diz que se procedeu.

Após Sócrates não se contentar com a primeira definição de piedade citada por Eutífron, que consistia em ser o que ele estava fazendo, que se caracterizava em perseguir seu pai por ele ter cometido um homicídio, surge então a segunda definição de Eutífron: “É então a piedade o que é agradável aos deuses; o que não é agradável é a impiedade.” (PLATÃO, p. 07). Com essa definição, Sócrates espera que ele explique esse raciocínio.

Então Sócrates o questiona sobre essa resposta, pois diz que há conflito entre as coisas, sobre o que seriam as coisas justas e as injustas: “Portanto, meu

nobre Êutifron, alguns dos deuses julgam justas e injustas coisas diferentes, segundo o teu dizer, e não só belas, como feias e boas e más” (PLATÃO, p. 09). Então Sócrates conclui o argumento: “E as coisas piedosas e as ímpias seriam as mesmas, Êutifron, segundo o teu dizer? Êutifron – Há perigo nisso.” (PLATÃO, p. 09).

Com esses argumentos Sócrates faz Eutífron repensar o que disse sobre sua definição da piedade ser o que é agradável aos deuses.

Sócrates continua sua análise sobre a questão da virtude no diálogo, questionando Eutífron novamente para mostrar o que é a piedade e a impiedade: “Se Êutifron me ensinasse como é que todos os deuses pensam que tal morte é injusta, qual seria a coisa mais importante que eu aprenderia com ele: o que é a piedade e a impiedade?” (PLATÃO, 1973, p. 11).

Dessa forma, o filósofo volta ao fato que deu início ao diálogo, a morte do empregado do pai de Eutífron, o qual o mesmo insiste em dizer que a morte foi injusta e culpa o pai pelo ocorrido. Sócrates insiste então em indagar Eutífron para que ele explique porque esse ato foi impiedoso e o que é a piedade.

Sendo assim, Eutífron insiste na definição de que: “Diria que a piedade é o que todos os deuses amam, e o contrário – o que todos os deuses detestam – é a impiedade” (PLATÃO, 1973, p. 12). Com isso, eles buscam investigar a fundo se esse conceito da virtude está correto.

Sócrates traz então um problema: “O que é conduzido, decerto, porque alguém o conduz; e o que é visto é porque alguém o vê?” (PLATÃO, 1973, p. 12).

Com isso, Sócrates quer chegar ao argumento de que: “não é por ser uma coisa amada que uma coisa é amada pelos que a amam, mas é porque a amam que ela é uma coisa que é amada.” Ou seja, de que algo se torna amado porque o amam. Essa premissa serve de base para a indagação que Sócrates lança em seguida a Eutífron: “Portanto, é amada porque é piedade, mas não é piedade porque a amam?” (PLATÃO, 1973, p. 13). Portanto, Sócrates quer dizer que ser amada pelos deuses não define a piedade.

Eutífron concorda com Sócrates sobre a relação entre a piedade e justiça, com isso, eles iniciam uma discussão sobre essa relação: “Mas, então, toda a justiça é piedade? Ou a piedade é toda a justiça e a justiça não é toda a piedade, mas alguma dela é piedade e outra não?” (PLATÃO, 1973, p. 15)

Com esses questionamentos, Sócrates busca explicar e responder essas perguntas, uma vez que Eutífron fica confuso com tal questionamento. Quando Sócrates faz esse questionamento busca fazer com que Eutífron pense se toda a justiça é piedade ou vice e versa, buscando colocar com a ligação entre justiça e piedade. Com isso, Sócrates esclarece: “Uma vez em que qualquer lugar onde há justiça, não há também, por toda parte a piedade: pois a piedade é uma parte da justiça.” (PLATÃO, 1973 p. 26).

Nessa parte o filósofo quer dizer que onde há justiça não há em toda a parte a piedade, colocando então a piedade como uma parte da justiça e não ela inteira. Uma vez que isso fica esclarecido é necessário saber qual parte da justiça é a piedade, e Sócrates busca que Eutífron explique essa parte para que Sócrates possa apresentar a Meleto sem ser acusado:

Tenta agora tu me ensinar-me que parte da justiça é a piedade, para que possa responder a Meleto sem errar nem ser acusado de impiedade, pois direi que fui instruído por ti, não só quanto às coisas da piedade e da devoção, mas também relativamente às que não o são. (PLATÃO, 1973, p. 16)

Com isso, Sócrates desafia Eutífron e surge então a quarta definição de piedade no diálogo: “Portanto, parece-me isto Sócrates, que a piedade e a devoção são a parte da justiça que diz respeito aos cuidados com os deuses. A restante parte da justiça é acerca dos cuidados com os homens.” (PLATÃO, 1973 p. 16).

Dessa forma, Eutífron relaciona a piedade ao divino e ao cuidado que isso acarreta, sendo o que resta o cuidado com o homem. Sendo a primeira estando no que remeteria a algo metafísico que vai além da matéria e a segunda a algo do comum dos homens e suas relações. Percebe-se então que no diálogo, Sócrates busca fazer essa relação da parte com o todo, incluindo outras virtudes como a justiça e a sua ligação com a piedade.

No entanto, Sócrates não se contenta com essa definição de Eutífron e o questiona: “Mas eu ainda estou carente de um pequeno nada: ainda não compreendo a que chamas de cuidado.” (PLATÃO, 1973, p. 17). Com isso, há o questionamento sobre o que seria esse cuidado, primeiramente com o divino e depois com o humano.

Então ao analisar Sócrates diz: “Então, todo o cuidado realiza uma e a mesma coisa? A saber, isto: traz algum benefício e utilidade para aquele que é tratado?” (PLATÃO 1973, p. 17). Eutífron concorda com essa pergunta de Sócrates, que significa que o cuidado gera um benefício a quem é tratado, sendo a piedade um cuidado com o divino, traria então benefício, mas não o cuidado dos homens traria o benefício ao divino conforme relatam: “Pois tu concordarias com isto? Que sempre que realizas alguma coisa piedosa fazes os deuses um pouco melhores? Êutifron – Por Zeus, não eu.” (PLATÃO, 1973, p. 17).

Então Eutífron explica qual o cuidado ao qual se refere, sendo esse um cuidado de escravo para seu senhor, sendo o homem um prestador do serviço: “Mas que espécie de cuidado para com os deuses será a piedade? Êutifron – Aquela Sócrates com que os escravos cuidam dos seus senhores.” (PLATÃO, 1973, p. 17).

No entanto, após essa definição surge outra que está relacionada a sacrifício e oração e Eutífron a explica:

Digo-te simplesmente: que alguém que saiba fazer e dizer as coisas que são agradáveis aos deuses, rezando e sacrificando, realiza atos piedosos, que salvam as famílias e as cidades; e as coisas contrárias às que agradam são ímpias: subvertem e destroem tudo. (Platão, 1973, p. 19)

Nessa definição Eutífron ressalta uma parte muito importante no diálogo sobre a piedade, a de classificar os atos piedosos como atos de sacrifício e que esses atos salvam as famílias e as cidades, podemos retomar o exemplo de Ulisses na Ilíada e Odisseia que saiu de onde estava para se sacrificar por sua família e outros exemplos na história como os navegantes portugueses que deixaram suas famílias em sacrifício para com bravura conquistar o novo mundo, o qual também traria benefícios para suas famílias.

Nessa definição, Eutífron também diz que as coisas contrárias as que agradam o divino na sua fala, são más e ímpias e subvertem e destroem tudo, pois são contrárias a ordem que caminha para o bem, o bem parte da virtude da piedade, pois como citado, é um sacrifício que salva famílias e cidades.

Prosseguindo no diálogo, e encaminhando para o fim, Sócrates indaga: “Então, a piedade é, portanto, qualquer coisa de agradável, mas não útil nem amada pelos deuses?” (PLATÃO, 1973, p. 21). O filósofo chega a essa indagação, após perguntar sobre qual o benefício que os homens poderiam trazer aos deuses. Após essa pergunta de Sócrates, Eutífron explica “– Creio bem que é amada mais do que tudo” (PLATÃO, 1973, p. 21) Com isso, Eutífron diz que a piedade é muito amada pelos deuses, porque é um ato bom, pois dela procedem benefícios aos que estão a sua volta.

Sócrates explica então no final, o motivo de ter debatido com Eutífron sobre a virtude da piedade: “Pois, se não soubesses com clareza o que era a piedade e a impiedade, não vejo como explicar que queiras acusar de homicídio teu pai, homem mais velho, por causa de um servo.” (PLATÃO, 1973, p. 22). O motivo foi esse de que Eutífron queria acusar o seu pai por impiedade e Sócrates o fez refletir e citar as definições sobre essa virtude.

Porém, após tantas definições e a vontade de Sócrates de ouvir de Eutífron a definição da piedade, até para se defender de Meleto, após insistir no diálogo mais uma vez, Eutífron responde que precisa ir: “Em outra hora Sócrates, pois agora tenho pressa de ir para outro lado e é tempo de me ir embora.” (PLATÃO, p 22). Sócrates termina o diálogo inconformado: “Como aprenderei contigo o que são e o que não são as coisas piedosas?” (PLATÃO, 1973, p. 22) e em forma de aporia, assim como os demais dessa fase da obra dos diálogos de Platão.

#### **4.1 CRÍTON E O DEVER RELACIONADO COM A PIEDADE DO DIÁLOGO EUTÍFRON**

O Sócrates de Platão da fase dos diálogos iniciais, segue a sua linha de raciocínio nos diálogos em sua indagação sobre a definição de algumas virtudes. Portanto, a partir disso, é possível se estabelecer uma relação entre o diálogo

*Eutífron* e o *Críton*. Um trata da piedade e o outro sobre o dever. O raciocínio está em a piedade ser um dever para se obter uma vida virtuosa e o ato de cumprir os bons deveres de forma piedosa.

Analisando o diálogo *Críton* encontra-se os personagens Sócrates e Críton, ambos de idade avançada em uma cela na prisão de Atenas. Críton ao visitar Sócrates, que estava preso para ser acusado no tribunal dos crimes tratados na *Apologia de Sócrates*, primeiramente começa a se admirar com o estado no qual o filósofo se encontrava: “Em toda a nossa vida, te considereei feliz pelo teu gênio, porém muito mais agora, na presente desgraça, pela facilidade e brandura com que a suportas.” (PLATÃO, 1973, p. 01).

Na prisão Críton constrói o diálogo com Sócrates e tenta o convencer a se livrar da acusação, no entanto, Sócrates mantém-se firme em seguir até o fim para enfrentar o julgamento que o espera.

Nesse caso é perceptível a firmeza de Sócrates em defender o que acredita e dessa forma, cumprir o seu dever. No Diálogo *Eutífron*, foi apontada a definição de que a piedade é o que é agradável aos deuses e que é sacrifício pela família e pela nação, nisso há uma relação com a discussão do diálogo de *Críton*, pois Sócrates escolhe o sacrifício de não negar que buscava instruir os jovens e levar a eles a sabedoria, mesmo que o preço desse sacrifício fosse a morte.

Críton busca convencer Sócrates a fugir da prisão, no entanto, o filósofo se recusa e Críton fica surpreso: “O povo não vai acreditar que tu é que não quiseste sair daqui, a despeito de o querermos nós mais que tudo.” (PLATÃO, 1973 p. 03). Nessa passagem há uma preocupação de Críton sobre o que diria aos atenienses sobre Sócrates não aceitar fugir e Sócrates mostra a virtude do dever de cumprir o que lhe foi encarregado a partir de suas atitudes, as quais o próprio irá defender no dia do julgamento.

Então, a partir disso, Críton argumenta:

Demais, Sócrates, acho que cometes uma injustiça entregando-te, quando te podes salvar; estás trabalhando para que te aconteça

exatamente aquilo a que visariam teus inimigos. - a que visaram quando decidiram tua perda. (PLATÃO,1973, p 04).

Com isso, Críton mostra o seu julgamento a respeito do ocorrido, de que seria injusto Sócrates permanecer na prisão e encarar o julgamento que provavelmente custaria a sua vida e dessa forma aconteceria aquilo que os seus inimigos queriam.

No entanto, Sócrates mostra a Críton que as coisas não eram dessa forma: “Quanto a mim, não é de agora, sempre fui deste feitio: não cedo a nenhuma outra de minhas razões, senão à que minhas reflexões demonstram ser a melhor” (PLATÃO, 1973, p. 04).

Novamente uma característica de Sócrates muito presente nesse diálogo é a firmeza com a qual lida com a situação de estar prestes a um julgamento que pode lhe custar a vida, como disse na citação, não cede ao que as suas reflexões demonstram ser o melhor.

Sócrates reflete então sobre não acatar todas as opiniões dos homens, mas refletir sobre as que são boas e ruins e acatar as boas:

Portanto, reflete; não achas acertado dizer que nem a todas as opiniões dos homens se deve acatamento, mas a umas sim e outras não? E não às de todos, mas às de uns sim e às de outros não? Que dizes? Não é com razão que se diz isso? Críton- É com razão. Sócrates- Logo, acatar as boas, não as ruins. Críton- Perfeitamente. (PLATÃO, 1973, p.05).

Nessa reflexão de Sócrates é possível perceber que o filósofo traça uma linha entre a reflexão, para separar o que é bom e o que é ruim, pois as coisas a serem acatadas são as boas e não as ruins, nesse ponto é possível retomar ao diálogo Eutífron onde há a definição de que a piedade é o que é agradável aos deuses, logo, coisas boas são agradáveis aos deuses, o ato de se sacrificar pela família e pela nação.

Dessa forma, há uma relação nesse ponto entre os dois diálogos no sentido de que a piedade está atrelada ao bem e o dever está a acatar o que provém do bem.

Partindo do argumento de que se deve acatar as coisas boas, Sócrates faz uma comparação com o corpo, cujo o escutar de pessoas pouco entendidas nessa matéria corromperia o corpo e Críton concorda com Sócrates:

Podemos, porém, acaso viver depois de arruinar aquela parte que a injustiça danifica e a justiça beneficia? Ou considerarmos de menos valor que o corpo, aquela parte de nosso ser, seja qual for, com que se relaciona a injustiça e a justiça? Critão- De modo nenhum. (PLATÃO, 1973, p. 06).

A seguir essa linha de raciocínio, Sócrates chega ao ponto do dever, título do diálogo, pois diz que não se deve preocupar com a opinião da multidão, quando a opinião da mesma for ruim: “não é absolutamente com o que dirá de nós a multidão que nós devemos preocupar, mas com o que dirá a autoridade em matéria de justiça e injustiça, a única, a Verdade em si.” (PLATÃO, 1973, p. 06).

Com isso, o filósofo diz que o que ele deve se preocupar é com a justiça e com a verdade em si, e não com a multidão. E nesse ponto há uma ligação com a virtude, pois a virtude é boa e justa, e a verdade está atrelada a bondade, sendo a verdade a razão com a qual vale a pena se preocupar e não com opiniões espalhadas da multidão.

Após isso, Sócrates retoma um ponto importante da discussão:” (...) que não devemos dar máxima importância ao viver, mas ao viver bem.” (PLATÃO, 1973, p. 07). Esse trecho mostra que é no viver bem que se encontra a máxima importância e o viver bem está atrelado a uma vida virtuosa, uma vida agradável aos deuses como Eutífron define no diálogo mencionado anteriormente.

Então Sócrates chega em um ponto do diálogo em que questiona Críton sobre ser justo ou não ele sair da prisão naquele momento e evitar o julgamento:

Por conseguinte, partindo desses princípios nos quais concordamos, devemos averiguar se é justo que eu tente sair daqui sem permissão dos atenienses, ou injusto: se se provar que é justo, tentemos; se não, desistamos. (PLATÃO, 1973, p. 07).

Então ambos discorrem sobre o ato ser justo ou não e concordam que o que é o procedimento injusto para quem o faz é um mal e uma vergonha: “O procedimento injusto, em quaisquer hipóteses, não é sempre, para quem o tem, um mal e uma vergonha? Afirmamos isso ou não? Critão- Afirmamos.” (PLATÃO, 1973, p. 08).

Com isso, o filósofo quer dizer que a injustiça não é correta e que não deve ser praticada sobre nenhuma hipótese, pois ela foge da ética. Então

Sócrates afirma que o mal está relacionado com a injustiça: “Entre fazer mal a uma pessoa e cometer uma injustiça, não há diferença nenhuma.” (PLATÃO, 1973, p. 08).

Sócrates traça esse caminho da justiça para dizer que estariam desobedecendo a pátria e sendo injustos com ela se saíssem fugindo da prisão e como foi levantado acima, um ato injusto é um ato mau, e o filósofo não quer cometer um ato ruim. Conforme questiona: “Saindo daqui desobedientes à cidade, lesamos a alguém e logo a quem menos devemos lesar, ou não? E cumprimos as convenções justas que firmamos, ou não?” (PLATÃO, 1973, p. 09).

Nessa discussão de Críton, Sócrates cita as Leis e o que diz de consequência em não as obedecer:

Desobedecendo-nos, é réu tresdobradamente: porque a nós que o geramos não presta a obediência; porque não o faz a nós que o criamos e porque, tendo convencido a obedecer-nos, nem obedece nem nos dissuade se incidimos nalgum erro; nós propomos, não impomos com aspereza o cumprimento de nossas ordens, e facultamos a escolha entre persuadir-nos do contrário e obedecer-nos; ele, porém, não faz nem uma coisa nem outra. (PLATÃO, 1973, p.11)

As Leis trazem que na pátria nasceu e nela foi criado e mesmo assim não presta obediência a ela, sendo réu tresdobradamente fugindo dos deveres de cidadão ateniense. Além disso, as Leis dizem que não será honroso a Sócrates fugir da cidade que o criou e ser estrangeiro em outra: “Sobre o supremo valor que tem para a humanidade a virtude, a justiça, assim como a legalidade e as leis? E não achas que o papel de Sócrates se manifestará indecoroso?” (PLATÃO, 1973, p, 12).

As Leis aparecem no diálogo citando as consequências da fuga de Sócrates e em como não crescerá em virtude fugindo e não enfrentando o julgamento que lhe é imposto pelas leis da cidade.

Portanto, novamente é perceptível a ligação do diálogo Críton com o diálogo Eutífron, pois Sócrates está sendo piedoso segundo a definição de agradar a divindade e se sacrificar, pois está se sacrificando pela verdade que defende e por ela escolhe sofrer o julgamento, uma vez que ele é imposto pelas leis das cidades, porém sem medo, pois como diz na frase final do diálogo:

“Então desistem, Critão, procedamos daquela forma, porque tal é o caminho por onde a divindade nos guia.” (PLATÃO, 1973, p. 13).

Portanto, ao seguir esse caminho Sócrates está cumprindo o que é agradável a divindade que o guia e se sacrificando, mesmo que a pena seja a morte, pela verdade a qual defendeu buscou e ensinou aos jovens atenienses, seguindo então as suas teses acerca da ética, de que um homem virtuoso é justo e cumpre o seu dever, fazendo o que é agradável a divindade e se sacrificando por um bem maior.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve o objetivo de explorar a visão platônica de Sócrates em alguns dos diálogos iniciais dessa fase do filósofo. A abordagem de explicação do ocorrido nos diálogos foi uma maneira de esclarecer de forma simples e clara essa visão fidedigna de Platão a respeito de Sócrates.

Sócrates que nos diálogos dessa fase aparece como o centro da discussão, conduzindo-a em busca da definição de virtude, esse fato trabalha a ética por parte do filósofo, que busca com seus interlocutores uma definição acertada a respeito desse âmbito da ética o qual a virtude é parte fundamental.

Dessa forma, mesmo em meio a muitas definições os diálogos não terminam com uma resposta precisa, sobre a justiça a piedade e o dever, no entanto, a discussão muito contribui para direcionar qual a real definição a cerca dessas virtudes.

Platão muito contribuiu para a filosofia ocidental com a escrita dos diálogos e de suas obras, pois traz à tona a ética, tema que o cerca ao longo das obras, tema que será semente para o filósofo Aristóteles, que tão bem o trabalhará na obra *Ética a Nicômaco*.

Assim é possível classificar a importância do legado da filosofia antiga de Platão a ser ensinada as gerações atuais e futuras, pois é como o alicerce da filosofia para a compreensão de temas mais complexos que vieram depois e se fundamentaram na filosofia de Platão que também possui o seu grau de complexidade importantíssimo para a filosofia, o qual deve ser estudado a fim de ser explicado.

Por isso, a forma de destrinchar esses diálogos começando da primeira fase de Sócrates é de muita importância como um incentivo ao estudo da filosofia para aqueles que estão adentrando nela. É necessários um roteiro e uma explicação dos diálogos para que a visão dessas obras esteja presente no intelecto dos estudantes.

Portanto é importante essa visão fidedigna do Sócrates de Platão e seus argumentos e contra-argumentos acerca das virtudes, acerca da ética na busca

por definições por julgar que são fundamentais para a construção de homens virtuosos, os quais trarão o bem para os seus contemporâneos e deixarão, assim como Sócrates e Platão deixaram, um legado de seu sincero e árduo estudo com o objetivo de dar à luz a sabedoria.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, F.A.N. **Eutífron de Platão: Estudo e Tradução**. 2014.130 p. Tese (Mestrado em Letras Clássicas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2014. Acesso em: 11set. 2023.

CONFORD, F. M. **Antes e Depois de Sócrates** 1ª ed. 2005. São Paulo Martins Fontes.

FREIRE, G. **Quem foi o maior Filósofo da História?** [São Paulo]: Ted, 2023. 1 vídeo (1 hora e 6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=52tc1D8byk4>. Acesso em: 28 ago. 2023.

NETO, O.C.P. **A(s) Virtude(s) nos Diálogos Socráticos de Platão: Apologia, Eutífron, Laques, Cármides, República I e Protágoras: análise e comentário**. 2009. 177 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2009. DOI 10.1160/T.8.2009.tde-18122020-202523. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis>. Acesso em: 24 ago. 2023.

PLATÃO. **A República [ou sobre a justiça, diálogo político]**. Livro I. 2006. São Paulo: Martins Fontes.

PLATÃO. **Os Pensadores Platão**. *Apologia de Sócrates*, 1ª ed.1973. São Paulo. Abril Cultural.

PLATÃO. **Os Pensadores Platão**. *Crítón*. 1973. 1ª ed. Abril Cultural. São Paulo.

PLATÃO. **Os Pensadores Platão**. *Êutífron* . 1ª ed. Abril Cultural. São Paulo.

SANTA, F. D. (2021). **Notas Preliminares sobre o conceito de justiça no Livro I da República de Platão**. Revista de Filosofia Amargosa. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Santa catarina.